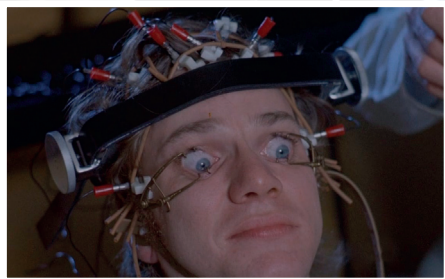




O protagonista Alex em cenas célebres de *Laranja Mecânica*



Fotos: toutlecinema.com

A volta de Kubrick

Malcolm McDowell, protagonista do clássico *Laranja Mecânica*, fala da influência do filme sobre a moda, música e política; Mostra de Cinema em SP exibe cópia restaurada e documentário sobre o longa

MARÍLIA KODIC

Costelas quebradas, córnea arranhada e um imenso desgaste mental. Essas foram algumas das lembranças físicas levadas pelo ator que deu vida ao icônico personagem Alex DeLarge ao fim das filmagens de *Laranja Mecânica*, lançado em 1971.

“Era um filme muito físico”, diz ele no documentário *Era uma Vez... Laranja Mecânica*, de Michel Ciment e Antoine de Gaudemar, que estreia este mês em São Paulo durante a 35ª Mostra Internacional de Cinema, evento no qual também será exibida uma cópia restaurada do clássico de Stanley Kubrick.

Mas, 40 anos depois, o que permanece para Malcolm McDowell, 68, é a mensagem que o filme transmite: “A liberdade de escolha do indivíduo, sem a interferência do governo”.

A seguir, na entrevista exclusiva que deu por telefone à CULT, o ator fala sobre como concebeu os trajes de seu

personagem e incorporou ao filme a música “Singin’ in the Rain” (do filme *Cantando na Chuva*, de Gene Kelly e Stanley Donen), além de comentar o fim da relação com Kubrick após as filmagens.

McDowell também faz um paralelo entre *Laranja Mecânica* e os recentes distúrbios em Londres – “É basicamente a mesma situação” – e conta que Anthony Burgess, autor do livro que deu origem ao filme, fez o último capítulo às pressas, por encomenda do editor – ficando ressentido por julgar não ter recebido o bastante pela adaptação.

CULT – *Laranja Mecânica* foi compreendido pelo público?

Malcolm McDowell – Eram tempos diferentes, e o filme era revolucionário. As pessoas nunca tinham visto algo parecido – e eu quero dizer “nunca” mesmo. Era inovador além do imaginável. As pessoas simplesmente ficavam paradas em silêncio. E o humor é sombrio. É um humor

mórbido, mas acho que é muito engraçado – eu fiz uma comédia.

Recentemente, assisti ao filme com um público jovem, e eles riam! Eles entenderam completamente.

Mas o filme causou diversas mudanças sociais...

Sim, ele realmente causou uma tremenda mudança social. As influências desse filme são bastante surpreendentes. Em termos de moda, de música... Meu Deus, quantas vezes já não vi um cantor pop vestido de Alex, sabe? David Bowie foi o primeiro, até a Madonna já o fez. Há um grupo chamado Slipknot, eles foram o último, e isso foi há apenas um ano.

Acho que ele ajudou a criar o movimento punk, também. Extraordinário! Alguém disse que eu sou o avô do punk. Isso realmente me fez rir [risos]. Então sempre será influente – socialmente, e não só politicamente. E certamente foi uma das coisas

mais importantes de seu tempo em relação à moda, isso é certo.

O filme já tem 40 anos e não envelhece. As crianças o descobrem aos 17, 18 anos, vão à faculdade, colocam pôsteres de Alex... É um jeito de se alinharem à rebelião. E isso é ótimo. É a progressão natural das coisas.

Vê paralelo entre o filme e os recentes protestos em Londres?

Sim, mas acho que é mais uma coincidência do que qualquer outra coisa. A maioria dos manifestantes era jovem, não de origem pobre nem nada, mas emocionalmente abandonada. E, por causa da crise econômica, os programas sociais foram cortados...

Eles saem da escola, não há emprego, e eles estão putos da vida, sabe? E não há nada a fazer por eles!

E, olha, não estou de forma alguma lhes dando razão para provocar a desordem, mas, se você olhar a história de Londres, de centenas de anos atrás, isso sempre existiu. É uma espécie de

tradição, eles vão às ruas e jogam pedras.

De um modo estranho, *Laranja Mecânica* é profético, pois é basicamente a mesma situação. Alex e a gangue estão criando problemas pois não têm diretrizes emocionais. Os pais cederam, a sociedade desistiu deles. Estão entediados, têm droga e causam problemas. É o mesmo que aconteceu em Londres [agora], não é?

Diria que é um filme essencialmente inglês?

Não, é um filme universal. Não sei muito sobre as políticas internas do Brasil, mas aposto que o efeito seria igual para o público brasileiro. No fim das contas, o filme não importa pelo aspecto visual, as drogas ou a violência. É um filme sobre a liberdade de escolha do indivíduo sem a interferência do governo, o Big Brother.

Já tivemos o suficiente disso.

Onde buscou inspiração para o personagem?

Estava tudo no livro. Eu sabia que

não poderia ser uma performance realista, tinha de ter certo estilo, uma espécie de senso de humor perverso, pois estávamos pedindo para a audiência simpatizar com um personagem imoral – e essa é uma diretriz estranha para um ator receber, pois ele é um estuprador e um assassino.

Mas a audiência precisava gostar dele.

O senhor gostava?

Sim. É só olhar para seus pais para simpatizar com ele de alguma forma. São emocionalmente vazios; qualquer criança que crescesse assim acabaria se tornando estranha.

Mas eu me concentrei mais na sua inteligência, no amor pela música, essas coisas. E, é claro, ouvi a Nona Sinfonia de Beethoven muitas vezes para entrar no clima.

O legal desse filme, para mim, foi que me introduziu a Beethoven de um modo mais profundo. E você não se cansa de coisas que são atemporais, clássicas. ➡➡

TURNÊ 2011
OESP

BRASIL

A Oesp promove sua terceira Turnê Brasil. Serão 9 concertos, em 7 cidades, de 31 de outubro a 10 de novembro de 2011.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
YAN PASCAL TORTELIER REGENTE
AUGUSTIN HADELICH VIOLINO

RIO DE JANEIRO

31 OUT SEG 20H - Teatro Municipal

SALVADOR

01 NOV TER 21H - Teatro Castro Alves

ARACAJU

03 NOV QUI 21H - Teatro Tobias Barreto

RECIFE

04 NOV SEX 21H - Teatro Luiz Mendonça

BRASÍLIA

06 NOV DOM 17H - Teatro Nacional Claudio Santoro
"Sala Villa Lobos"

GOIÂNIA

07 NOV SEG 21H - Teatro Rio Vermelho no Centro
de Convenções de Goiânia

CURITIBA

09 NOV QUA 21H - Teatro Guaíra

INGRESSOS A VENDA NAS BILHETERIAS DOS TEATROS

CONCERTOS GRATUITOS

02 NOV QUA 17H - Teatro Castro Alves Concha Acústica **SALVADOR**

10 NOV QUI 11H - Teatro Guaíra **CURITIBA**

PODE APLAUDIR QUE A ORQUESTRA É SUA.



McDowell e Kubrick no set de filmagem de *Laranja Mecânica*

Como explica a relação do personagem Alex com a sinfonia?

É absolutamente inspiradora e, vivendo a vida como ele vive – em um lugar sem coração, onde não há absolutamente beleza alguma, onde tudo é básico e feio –, Beethoven era uma ilha para onde ele poderia escapar, dentro de sua mente.

O senhor contribuiu com diversas ideias para o filme. De qual mais se orgulha?

Ah, não sei. Você tem ideias todos os dias, não me lembro da maioria delas. Suponho que a principal tenha sido a ideia de usar a música “Singin’ in the Rain”, pois alterou todo o aspecto do filme, mudou o enredo.

Era o artifício perfeito para fazer uma cena de estupro de modo estilizado, sem ser o tradicional. Nossa imagem da música é, claro, Gene Kelly e sua performance incrível, balançando em postes de luz, esguichando pelas calçadas.

Foi instintivo, simplesmente comecei a cantar. Imagino ter achado engraçado, pois era uma grande ironia cantar algo tão maravilhoso e inocente. E, no entanto, o modo como Alex usa isso é tão sinistro, perverso. Para aquela cena, funcionou perfeitamente.

E, ouça, Kubrick sabia disso assim que a ouviu. Ele foi correndo comprar os direitos e, em duas horas, estávamos gravando.

“O filme já tem 40 anos e não envelhece. As crianças colocam pôsteres de Alex... É um modo de se alinharem à rebelião”

E em relação à roupa de Alex, foi ideia sua?

Ah, sim. Bem, eu estava andando perto da minha casa na época, na Church Street, Kensington, em Londres, e havia uma loja de moda chamada Biba, que era muito arrojada – estamos em 1969.

Entrei para ver as incríveis criações e ali, ao lado do caixa, estavam os cílios postiços. Achei que Kubrick iria achar engraçado, então comprei como presente para ele – só para fazê-lo rir, sabe.

Quando lhe entreguei, ele disse: “Coloca”. Eu perguntei: “Agora?”. Então coloquei e ele fotografou com um olho, com dois olhos e, no dia seguinte, me ligou e disse: “Estou olhando para as fotos dos cílios e estão incríveis. Você olha para o seu

rosto e consegue ver que há algo um pouco estranho, mas não tem certeza do que é”.

Então essa é a história dos cílios.

Em relação à roupa, bem, eu estava com minha roupa de críquete, que eu estava jogando antes, no carro, e falei: “É a única roupa que tenho”. Então coloquei, e o Kubrick disse para que eu colocasse o protetor – usado dentro da calça para prevenir que você se machuque caso seja atingido por uma bola em alta velocidade – do lado de fora.

Isso, basicamente, foi como a roupa surgiu [no filme]. É um *look* brilhante, meio que assustador.

Então não havia um traje definido previamente?

Não, absolutamente. Acho que pensaram: “Ah, use suas roupas normais”. Fez toda a diferença. Acho que separa a gangue do resto. Estão de branco, há o chapéu... Eu queria usar um chapéu-coco por causa da óbvia conexão com a cidade e as autoridades.

No documentário, o senhor diz que foi um filme “muito físico”. O que quis dizer?

Eu me machuquei algumas vezes, quebrei as costelas, essa coisa toda. Então foi fisicamente exigente, mas, sabe, muitos filmes o são. Mas era também muito exigente mentalmente. Depois que terminamos de filmar, estava ➡➡

TUCA
Teatro da PUC-SP

programação
OUTUBRO



sem pensar e não perca as **10**

6ª feira e Sábado, às 21h30 | Domingo, às 19h
TUCA | Com Denise Fraga e grande elenco.



12 homens e uma sentença **12**

6ª feira e Sábado, às 21h | Domingo, às 19h30
De Reginald Rose e direção de Eduardo Tolentino.



roda besteirológica **L**

Domingo, às 11h | TUCARENA | Dia: 30/10
Com os Doutores da Alegria



villa lobos das crianças **L**

Sábado e Domingo, às 16h | TUCARENA
Cantigas populares, de Iacov Hillel



improvável **14**

5ª feira, às 21h30 | TUCA
Espetáculo da Cia. Barbixas.



ópera la serva padrona **14**

Sábado, às 17h
TUCA Lab | Com a Cia Ópera Portátil



encontros dança **14**

3ª feira, às 20h | Datas: 04/10, 01/11
TUCARENA | Dança contemporânea

GRATUITO

O **TUCA** é reconhecido como um marco cultural da cidade de São Paulo.

Apresenta sempre uma programação diversificada, trazendo artistas consagrados e dando espaço para os novos talentos e para a formação do público e do artista, por meio de mostras, projetos de residência, debates e cursos.

Rua Monte Alegre, 1024 - Perdizes
www.teatrotuca.com.br

Informações e vendas: 11 4003-1212
ou www.ingressorapido.com.br



PUC-SP



Kubrick no set de filmagem

completamente exausto, e tirei um ano para descansar.

E em relação à icônica cena do olho, como se sente?

Bem, eu acho que Kubrick estava certo. É uma sequência incrível. E é ali que o público se desloca para o lado do Alex. Em termos de como ele dirigiu a cena, foi puro brilhantismo. É claro que ter de fazer a cena foi horrível. Arranhou minha córnea. Mas eu entendo por que ele queria a cena.

Laranja Mecânica é um ponto de referência e, se você assistir a ele com uma bela imagem, em uma grande tela, é um incrível passeio emocional.

O senhor ainda o vê de vez em quando?

Bem, tive de assistir a ele neste ano no Festival de Cannes. E fiquei agradavelmente surpreso em quão bem se sustentou. Eu tive emoções diferentes daquelas da audiência, pois lembro dos momentos em que foi feito, então é muito pessoal.

Por um lado, tenho muito orgulho dele, mas, por outro, percebo que a maioria dos atores e o Kubrick não estão mais

conosco, então não fico totalmente feliz. É uma sensação estranha.

Como era sua relação com Kubrick durante as filmagens?

Ótima. Éramos grandes amigos e me tornei muito próximo dele. Muito, muito próximo. Não daria para fazer aquele papel se não estivesse completamente confortável com o diretor.

Mas, depois de feito o filme, vocês não tinham mais essa relação?

Não. Depois que dei a ele a performance, ele não tinha mais um uso para mim. E eu não entendia isso sobre o Stanley, mas, talvez, em retrospecto, eu tenha me tornado muito próximo a ele.

E como foi seu encontro com Anthony Burgess?

Tivemos uma relação muito amigável, era um homem simpático e um brilhante contador de histórias. Só o encontrei por uma semana, estivemos juntos em Nova York, vendendo o filme. E foi um presente poder conhecê-lo e conviver um pouco com ele.

Eu ia buscá-lo de limusine em seu

“Alex e a gangue [no filme] criavam problemas porque não tinham diretrizes emocionais; é o mesmo que aconteceu em Londres [agora], não é?”

hotel e íamos juntos para um estúdio de TV dar entrevistas; eu basicamente ficava ouvindo o que ele tinha a dizer porque ele era tão divertido! Eu só queria ouvi-lo.

E qual era sua opinião sobre o filme?

Ele o amava. Acho que, com o passar do tempo, ficou cansado do filme porque não recebeu muito dinheiro. O filme fez muito dinheiro, e acho que ele começou a se ressentir.

O livro termina de modo diferente do filme, não? Isso teria o deixado chateado?

Não. O final ao qual você se refere foi encomendado pelo editor norte-americano, ou inglês, que queria suavizar o fim da história. Burgess fez um rápido último capítulo para satisfazer o editor, e foi isso. Ele me disse que nunca considerou aquilo parte do livro, e que era basicamente lixo.

Em relação à adaptação de Kubrick, qual a sua opinião?

Sinceramente, acho que o filme é uma das melhores traduções de um grande livro que você vai encontrar. E é quase impossível pegar um grande livro e fazer um grande filme – já aconteceu, mas é raro.

Tem alguma teoria no que diz respeito ao título de Burgess, *A Laranja Mecânica* [o nome do livro leva artigo]?

É um título brilhante, mas ninguém sabe o que significa. Perguntei a Burgess e ele me disse que ouviu a frase em um pub no leste de Londres. Um *cockney* disse: “Ele é tão estranho quanto uma laranja mecânica”. O que significa que ele é peculiar, diferente. É um título perfeito. ■

